

O FESTAR EM PINHÕES/MG: DO DIVINO A NOSSA SENHORA, FÉ NO ROSÁRIO

Sandra Helena Barroso¹

Resumo: Trata-se esse estudo de uma análise da festa do Divino Espírito Santo e da festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, Minas Gerais. O estudo sobre festas requer que pensemos o grau de diversidades que elas proporcionam. São rituais, mitos, cânticos, promessas, leilões, procissões, comidas, bebidas, consumo, turismo, desperdícios, sacrifícios, onde se percebe além das relações sociais ali estabelecidas, um momento de fé. As congadeiras professam a fé no Divino e os congadeiros professam a fé em Nossa Senhora. O que esse trabalho propõe, é convidar os leitores a ouvir o que diz o outro em suas expressões de fé, nesse campo de alteridade. São crenças e valores que se mesclam, onde as congadeiras(os) se unem em nome da fé no Rosário. Fundamentada em teorias que englobam festas e religião, essa pesquisa “olha” para o congado de Pinhões, e o percebe em sua experiência com o transcendente. Dessa forma a festa em toda sua dimensão simbólica, nos convida a crer e interpretar os momentos sagrados proporcionados por ela. Como dizia Chico Xavier: “Não percas a tua fé entre as sombras do mundo. Ainda que os teus pés estejam sangrando, segue em frente, erguendo-a por luz celeste, acima de ti mesmo. Crê e trabalha. Tudo passa e tudo se renova na terra, mas o que vem do céu permanece”. A experiência religiosa vivida pelo congado em Pinhões nos mostra que a cada dia se renovam e confirmam que de tanto implorar a Deus, o Pai, eles foram ouvidos e Nossa Senhora foi enviada para protegê-los. (ALVES, 2014). Partindo desta discussão, as perguntas norteadoras deste trabalho são: Como se vive a fé num mundo de conflitos e tensões? Como não perder a confiança em Deus num mundo marcado pelo mercado do consumo? De que forma as mulheres e os homens de Pinhões vivem a experiência de fé? Para isso foram entrevistados congadeiras e congadeiros mais envolvidas (os) com a festa do Divino e a festa de Nossa Senhora do Rosário. Pode-se destacar que o Congado de Pinhões, mesmo que se apresenta como um espaço de especificidades de gênero, ainda assim é um lugar que exercem um ritual em nome da fé no Rosário. Este trabalho possui limitações, que não são suficientes, para dar conta de toda complexidade que envolve a manifestação de fé do congado de Pinhões.

Palavras chave: Congado – Festa do Divino – Festa do Rosário - Fé

1. O festar dos congadeiros de Pinhões/MG.

Em Pinhões, Minas Gerais comemora-se muitas festas dentre as quais duas se destacam: a festa de Nossa Senhora do Rosário e a festa do Divino Espírito Santo. A primeira é comemorada no mês de outubro e a segunda no mês de maio ou junho, na época de pentecostes. Ambas são abrilhantadas com a apresentação de suas guardas: o terno

1 Mestranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Membro Correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni e Especialista em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. sandritagege@yahoo.com.br

denominado Catopês e a guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário. A presença do Congado nas instâncias de Minas Gerais possui variações e suas festas religiosas se mesclam entre sons e cores pelas cidades. O termo Congo, Congado e Congada são usados para designar a mesma manifestação que possui variações referentes às formas como são conhecidos nas diferentes regiões do Estado. (SOARES, 2011).

A festa estudada por meio dos rituais africanos, em sua realidade cultural, ressalta novos contornos para o entendimento de seus conteúdos religiosos. Daí a importância de articular o dueto religião e festa. Ou melhor, tentar estudar a partir da articulação das relações que se estabelecem entre, religião, festa e cultura. Penso que o estudo da religião pode ser visto pela análise da tradição oral do Congado da Comunidade de Pinhões, em seu festar ritualístico.

ALVES (2009) em seus estudos sobre a festa comenta que para muitos autores clássicos a sociedade precisa da festa e cita DURKHEIM (1996), MAUSS (1974) e CAILLOIS (1988).

Segundo ALVES (2009),

Em “as formas elementares da vida religiosa” Durkheim (1996) não desenvolve uma teoria sobre a festa, mas, é a este autor que devemos a ideia deste fenômeno como agrupamento massivo, de efervescência coletiva e geração de exaltação geral. Estas características fazem com que as festas se aproximem de uma cerimônia religiosa, na qual o homem é transportado para fora de si e do seu cotidiano. Para ele o divertimento corresponde à função expressiva, recreativa e estética da festa. (p.23).

Ainda explica que,

MAUSS (1974), ao discutir a variação sazonal na vida dos esquimós, nos mostra como também a nossa, é feita de alternâncias em sua dinâmica. Ele descreve sobre a vida religiosa deste povo que possui características diferentes no verão e no inverno. O primeiro (verão) é caracterizado pelo tempo da dispersão, onde os vínculos sociais se afrouxam, as relações tornam-se mais raras, os indivíduos são menos numerosos e a vida psíquica se atenua. O inverno, por sua vez, é a estação em que a sociedade fica concentrada, possibilitando um estado crônico de efervescência e superatividade. Neste período os esquimós vivem uma espécie de festa contínua e coletiva, porque são atividades do grupo e porque é o grupo e suas alternâncias da vida cotidiana, entre o trabalho e as festas, que elas exprimem. (p.23).

E completa:

CALLOIS (1988) é o primeiro a assumir que está fazendo uma teoria da festa. Em seu livro “O homem e o sagrado”, ele afirma que a vida cotidiana se opõe à efervescência da festa, pois esta última, assim como diz Durkheim, provoca o arrebatamento coletivo e se caracteriza pelo excesso e pândega. Nem toda festa para

Caillois é alegre, existem também as tristes, mas todas elas se definem pela dança, pelo canto, pela ingestão de comida e bebidas. A diversão é a palavra de ordem, até que se chegue à exaustão e o corpo caia doente. Esta é a lei da festa. (p.23).

Os três autores comentam sobre a efervescência da festa, se para DURKHEIM (1996) e MAUSS (1974) há um estado de efervescência produzido pela festa, para CAILLOIS (1988) a vida cotidiana opõe-se à efervescência da festa. Mas todos esses autores comentam sobre as possibilidades que a festa permite, e são inúmeras. Por isso não é fácil buscar conceitos para o “fenômeno festa”, porque “não existe uma festa, e sim várias, pois cada indivíduo pode participar dela de uma maneira. Além disso, existem várias festas dentro da festa. Para cada uma ela é uma. Daí a dificuldade de conceitua-la”. (ALVES 2009, p.22)

Apoiada em ALVES (2009) e PEREZ (2002) e ROSA (2002), busquei verificar o quanto essas autoras contribuíram e vem contribuindo para ampliar os estudos sobre festas e o quanto a festa é importante na vida das pessoas. A partir de suas pesquisas pude perceber que em Minas Gerais as festas são muitas, principalmente de cunho religioso.

A festa, segundo ALVES (2009),

Se faz presente em todas as sociedades, seja ela, celebração, comemoração, diversão, espetáculo, ritual, brincadeira, investimento, trabalho, religião. Inúmeras são as festas, ao mesmo tempo em que são únicas singulares. Cada uma delas exprime o modo de viver de grupos sociais, que nelas produzem e reproduzem sentidos e significados diversos. Desse modo, diz de nós mesmos, de nossas sociedades e das relações que as pessoas estabelecem entre grupos com seus mitos, como sagrado, o simbólico, a ancestralidade, a história. Numa perspectiva sócio-antropológica investigar sobre a festa, portanto, é compreender em pouco mais sobre nós mesmos e nossa vida em sociedade (p.22).

A festa, segundo a autora sempre esteve presente nas sociedades, independentemente de qual seja ela, pode ser um ritual, uma diversão, religião; a festa exprime o *modus vivendis* dos grupos sociais. Além disso, ela estabelece as relações desse grupo com todo o aparato simbólico, mitos, ritos, ancestralidade e história. São inúmeras e ao mesmo tempo únicas. Investigar e compreender a festa numa relação dialógica entre religião e antropologia, possibilita saber um pouco mais de nós mesmos.

Para Perez (2002) a festa é:

Um “fenômeno vindo do fundo da tradição”, e que em relação à contemporaneidade mais imediata, possa parecer alguma forma de arcaísmo, de sobrevivência, de nostalgia, ou até mesmo de atraso, é, no entanto, vivida, por aqueles que dela participam, como explosão de vida, como revigoramento e, portanto, como uma espécie de renascimento, pleno de atualidade, de inovação, de ruptura. Para quem participa dela, a festa não tem idade, é sempre atual(p.53).

A autora argumenta que uma festa tradicional pode parecer um retrocesso na visão contemporânea, como algo que tenta sobreviver no mundo atual. Mas, segundo a autora, a festa é o renascer e revigorar, é explosão de vida. A festa é sempre atual independentemente de quanto tempo ela existe e é comemorada.

Completa ROSA (2002) quando diz:

A festa (celebração, fruição, diversão, evento, espetáculo, brincadeira, investimento, exaltação, trabalho filantrópico e econômico), uma das manifestações das culturas dos povos, é tempo e espaço para expressão, rebeldia, devoção, manifestação, reivindicação, oração etc. Entremeadada por componentes das várias esferas da vida humana, que se imbricam, a vivência da festa – o festar – revela-se como ação, dinamizando a vida humana(p. 13-14).

1265

Para a autora, a festa está atrelada às manifestações culturais, envolvendo os fatores tempo e espaço para que ela ocorra. A festa pode se expressar pela rebeldia, pela oração, pela devoção e muitas outras formas de expressão. A festa é uma ação que dinamiza a vida humana.

Alves comunga com PEREZ (2002) e com ROSA (2002), por buscar alternativas para nos dizer a importância da festa na vida humana. Conceituar festa é muito complexo porque existem várias festas, que se diferenciam talvez, em sua forma estética com conteúdos diversos. Apoio nestas autoras para dizer que a festa pode ser considerada a vida em cenas, que encenam o Congo do Divino e também os Catopês de Pinhões, no Rosário de Maria. A festa em Pinhões é de aspirações, de fé, de valores culturais, ritos, vestimentas, cores, cânticos, danças, missa, salva de foguetes, cortejos, comida, bebida, abertura, exposição e encerramento.

A festa é assim, sempre atual que perpassa todas as culturas e que faz e já fez parte de muitas histórias. Argumenta ALVES (2009), que a festa está presente na história da humanidade muito antes da cultura. AMARAL (1998) apud ALVES (2009, p.22) comenta que nos livros da Bíblia sagrada o termo festa aparece com frequência, podendo ser traduzido como cerimônia, celebração, participação e descanso.

Entre meios de comemoração, diversão, obrigatoriedade, espetáculo, ritual, trabalho, religião a festa está aí para ser investigada e compreendida. Festas em território brasileiro são inúmeras. Apesar do avanço das religiões ditas como não católicas por todo o país, o povo não deixa de festejar o catolicismo popular. Nas grandes e pequenas cidades as padroeiras e os padroeiros são comemorados o que vem “garantindo uma festa ao ano”. (ALVES, 2009).

E nesse contexto festivo, se insere a Comunidade de Pinhões, onde várias festas são comemoradas, como: festa junina, festa do boi na brasa, festa de Nossa Senhora do Rosário e festa do Divino. Por ora apresento a festa de Nossa Senhora do Rosário e a festa do Divino Espírito Santo, que fazem parte de minha pesquisa.

1.1 A Festa de Nossa Senhora do Rosário

A festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões é sempre comemorada nos meados do mês de outubro. Denomina-se de Reinado ou congado que conforme nos afirma Alves,

Reinado ou Congado é o termo mais abrangente, que define um ciclo anual de festas em devoção a Nossa Senhora do Rosário e os Santos Pretos, principalmente, São Benedito e Santa Ifigênia. Envolvem realizações de novena, levantamento de mastros e bandeiras, procissões, cortejos solenes, coroações de reis e rainhas, cumprimento de promessas, leilões, cantos, danças, banquetes coletivos. Os festejos apresentam uma estrutura organizacional complexa, em que é possível identificar aspectos simbólicos e significantes, representando o legado de nações africanas em nosso país. (ALVES, 2008, p. 36).

De acordo com a afirmação da autora, todos são filhos do Reinado e que se diferenciam em termos de disposições espaciais interna das guardas, cores das vestimentas, rainha festeira, rei festeiro, rei congo e rainha conga, rainhas perpétuas, instrumentos diversificados. Por outro lado, assemelham-se, porque acima de tudo, todos são filhas e filhos do mesmo Rosário. Nessa comunidade, a festa do Rosário é abrilhantada pelos Catopês, que são homens de diversas faixas etárias que cantam e dançam em louvor a Nossa Senhora.

A festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões nunca deixou de ser comemorada e os moradores da comunidade contam que a primeira dança com apresentação dos Catopês data de 1936. Maria Geralda conta com mais detalhes a história dos Catopês:

Por volta dos anos de 1910 e 1934, no Mosteiro de Macaúbas, existia uma dança denominada catopé exibida pelos escravos que lá moravam, como forma de exaltar

a Nossa Senhora do Rosário, que foi escolhida por eles mesmos como protetora. Porém essa dança ficou suspensa por alguns anos, por motivo do qual não foi esclarecido. Um descendente de escravos da sesmaria de Macaúbas, conhecido por senhor Josino, que naquela época era morador do bairro Barreiro do Amaral, juntamente com o senhor Emílio, também descendente de escravos de Pinhões, interessados em ensinar a dança e a música aos moradores dali procuraram o Sr. José Carvalho e conseguiram formar um grupo. Resolveram mudar o Catopê, para Nossa Senhora do Rosário. Nessa época, coroavam como rei o Senhor Joaquim Apolinário Gonçalves e sua filha Maria Apolinário Gonçalves os quais eram avô e tia do Senhor Reduzino Apolinário, hoje mestre do Congado. (CARVALHO, 1997).

Percebe-se pelo depoimento da entrevistada que a festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões é tradicional nessa Comunidade e os Catopês é que celebram a festa. Geralmente a festa do Rosário é comemorada no dia 7 de outubro. Nesse dia o povo de Pinhões sai à rua, se mobiliza, se une, se solidariza e que a partir de sua religiosidade consegue viver e se renovar. Sobre os modos de se viver o Congado, ALVES (2009), faz a seguinte explicação:

De diferentes modos, os mistérios gozosos que anunciam o nascimento de Jesus, é vivido por vários congadeiros em dezembro, com a folia dos reis. Na quaresma, ou seja, nos mistérios dolorosos, respeitam o sofrimento de Cristo e por isso, não tocam o tambor. A partir do sábado de aleluia até o dia dedicado a Nossa Senhora da Conceição, em dezembro, vivem os mistérios gloriosos, e ao longo do ano realizam suas festas. O dia dedicado a Nossa Senhora do Rosário é 7 de outubro. (p.26).

1267

Por esses mistérios vivem os congadeiros a fé, a tradição, o mito por meio de seus cantos e suas danças, onde tanto os homens e quanto as mulheres celebram a vida e seguem o curso dela.

E nesses mistérios vivem os Catopês de Nossa Senhora do Rosário, por meio de seus cantos, danças, devoção e fé. Mas, segundo o estatuto dos Catopês, as mulheres não podem participar como dançantes, cantantes e nem tocar as caixas. Somente podem exercer funções secundárias como rainhas, princesas, cozinheiras e organizadoras da festa. Sendo assim as mulheres de Pinhões festejam a vida e louvam a Nossa Senhora do Rosário, porém de forma diferenciada.

1.2 Festa do Divino Espírito Santo

Em Pinhões, os rituais do Divino sempre foram comemorados com missa, adoração do santíssimo sacramento, leilões, festejos, etc. Maria GERALDA, moradora que mais vivencia os momentos festivos da comunidade, comentou que desde criança participava da festa do Divino e que essa foi interrompida e retomada. Afirma que,

Em 1993 e 1994 a festa foi interrompida, porque estava sendo bem mais comemorada do que a festa do rosário. Dez anos após a “proibição” da festa, em 2003, quando a paróquia do bairro Bom Jesus, assumiu a festa, a comunidade de Pinhões pediu para voltar com a festa do Divino. Não posso dizer a data certa, mas desde 2003, tem sido comemorada essa festa. Em 2013 é que, pela primeira vez, teve apresentação do congado, agora do Congo do Divino, criado por nós. (Maria Geralda).

Pelo depoimento da entrevistada a festa do Divino em Pinhões já existia e foi proibida. Só em 2003 é que a festa passou a ser comemorada e em 2013, a festa foi abrilhantada com a estreia do Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário.

A festa do Divino Espírito Santo é como a festa de Nossa Senhora do Rosário, comemora-se com cantos, danças, promessas, leilões, salva de foguetes, procissão, coroação, cortejo, hasteamento de bandeiras, bebida, comida. É um momento de dar e receber. Os devotos do Divino pedem que o Espírito Santo os protejam.

Segundo GONÇALVES & CONTINS (2008),

Na ideologia dos devotos, a festa é realizada para agradecer o Divino Espírito Santo, a partir do momento em que se faz alguma “promessa” ou quando se pretende retribuir alguma “graça” recebida. Essas são noções nativas por meio das quais se expressa de modo sensível a relação de troca entre os devotos e o Divino Espírito Santo. Essa relação é interpretada por meio das categorias da dádiva e da contradádiva, estabelecendo-se simbolicamente uma relação permanente com o Espírito Santo. O trabalho individual e coletivo envolvido no conjunto das atividades de preparação e realização das festas deve ser interpretado como parte desse intenso e permanente circuito de trocas. (p.79).

Os autores comentam que na preparação da festa existe um trabalho individual e coletivo e a função de dar e receber é permanente. A festa marca nossa vida, os tempos fortes, as pausas, a alternância de ritmo e de intensidade tanto no campo individual quanto coletivo. (ALVES, 2008, p.22).

A festa do Divino é preparada com antecedência e nem bem termina a festa, os devotos estão preparando a outra. Trabalha-se durante todo o ano, no intervalo situado entre o fim de uma festa e o início da outra no ano seguinte. Mas as atividades evidentemente se intensificam à medida que se aproxima a Semana Santa.(GONÇALVES & CONTINS, 2008, p.79). Vivemos das lembranças de uma festa e da espera por outra, ela nos permite entender que “recordar também é viver”. (ALVES, 2008, p.22).

Em Pinhões nos meses que antecedem a festa os devotos já procuram meios de arrecadarem fundos para que a festa aconteça. São ações individuais e coletivas. A Comunidade se reúne e divide as tarefas entre as pessoas.

Após a quaresma os devotos do Divino realizam suas orações já se preparando para o dia da festa, dia de pentecoste. As orações são feitas nas casas dos devotos, onde os fieis preparam-se para receberem o Divino. SEGUNDO GONÇALVES & CONTINS(2008),

As rezas constituem um meio simbólico de concentração coletiva e individual dos devotos, elaborando dia a dia uma passagem temporal entre o domingo de Páscoa e o domingo de Pentecostes, com a chegada do Espírito Santo. Mas constituem também um meio para os indivíduos intensificarem sua comunicação com o Divino. Ao longo das rezas percebem-se tanto a dimensão coletiva e ritualizada das preces quanto sua dimensão individualizada e espiritualizada. Ambos os aspectos estão presentes nas celebrações do Divino Espírito Santo. (p.81).

As rezas e as preces trazem essa dimensão coletiva e ritualizada e os rituais repletos de significados é um convite da individualidade para a coletividade onde o grupo se torna homogêneo. É um meio simbólico de concentração coletiva. E os festejos do Divino em Pinhões, que procedem a essas rezas e preces, “ apresentam uma estrutura organizacional complexa, onde é possível identificar aspectos simbólicos e significantes representando o legado de nações africanas e seus reinos sagrados em nosso país”. (ALVES, 2009, p.26). Afinal a festa do Divino assim como a festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões são festas onde está presente o Congado, onde louvam as divindades católicas e africanas.

1269

Duas festas: festa de Nossa Senhora do Rosário e festa do Divino Espírito Santo, dois santos: Nossa Senhora e o Espírito Santo e um povo de fé em seus santos. Assim é o povo de Pinhões: festeiros e devotos. Valorizam suas comemorações, onde a festa é de aspirações, de fé, de valores culturais, ritos, vestimentas, cortejos, promessas, cânticos, danças, missa, salva de foguetes, comida, bebida, abertura, exposição e encerramento. E nesse contexto festivo que o Congo do Divino Espírito Santo foi criado.

1.3 Congadeiras e Congadeiros na construção de suas subjetividades pela fé.

No segundo capítulo, buscou-se questionar se a fé move as congadeiras e congadeiros de Pinhões. Para isso foi feito uma reflexão em torno das teorias propostas por Panikkar, ao se

dizer fé, ato de fé e crença. Apresentou-se que fé , ato de fé e crença são elementos que se encontram entre os congadeiros de Pinhões. Detectou-se que a comunidade de Pinhões vem se constituindo pelo campo da alteridade descortinando novas subjetividades em nome da fé.

2. O Congado: experiência de fé ?

Como dizer fé num mundo de conflitos e tensões? Como não perder a confiança em Deus num mundo marcado pelo consumismo e pela falta de crer em algo que dê sustento e sentido à vida? Como falar de fé num planeta que sofre pelas ações de um tempo de descrenças? Foi refletindo sobre a inconstância do indivíduo que conheci os congadeiros e as congadeiras da comunidade de Pinhões que professam a fé em seus santos. Mas, o que pode ser entendido por fé?

Segundo PANIKKAR (2007),

A fé é esta capacidade, faculdade, possibilidade de mais – seria a palavra mais plana, e de abertura a algo mais; uma capacidade que não no vem dada nem pelos sentidos, nem pela inteligência. Essa abertura a algo mais poderia chamar-se abertura à transcendência. Pela fé, o ser humano é capaz de transcender-se, de crescer, de abrir-se a algo mais; é capaz de dar um salto a algo que nem seus sentidos justificam nem sua razão o prova. (p.62).

1270

Se para o autor pela fé, o ser humano é capaz de dar um salto a algo que nem seus sentidos justificam nem sua razão o prova, então pode dizer que é pela fé que os congadeiros de Pinhões se movem e se abrem a algo mais.

2.1 A fé move as congadeiras e os congadeiros de Pinhões.

A fé segundo ALVES (2008) faz parte do culto dos congadeiros e seus ancestrais. Ao perguntar ao mestre dos catopês da comunidade de Pinhões sobre fé, ele respondeu que “fé é um pensamento positivo que elava aos nossos, uma força superior, no interior de cada um de nós”. (GUERINO, 2009).

Considerando a afirmação da autora e do mestre dos catopês, pode-se dizer que realmente a fé faz parte do culto dos congadeiros. Ao se aproximar dos mistérios de Deus, com a interseção de seus santos, a fé move os congadeiros. E Deus se revela no culto dos congadeiros. Se os

congadeiros de Pinhões acreditam em Deus e em seus santos é “essa fé dos filhos do Rosário, que move a festa” (ALVES, 2009, p.161).

2.2 Fé, ato de Fé e crença: Paradigma de Pinhões.

Existe uma distinção entre fé, ato de fé e crença, no trabalho de Panikkar, em seu livro Ícones do Mistério. Segundo o autor,

Por fé entendo a capacidade de abertura a algo mais; uma capacidade que não vem dada nem pelos sentidos, nem pela inteligência. Essa abertura a algo mais poderia chamar-se abertura à transcendência. Pela fé, o ser humano é capaz de transcender-se, de crescer, de abrir-se a algo mais; é capaz de dar um salto a algo que nem seus sentidos justificam nem a razão o prova. (PANIKKAR, 2007, p. 62).

E ainda explicita o que é Ato de fé:

Ato de fé é aquela atividade pela qual o ser humano põe sua fé em movimento; é o ato que surge no coração como símbolo de todo ser humano e pelo qual se salta à terceira dimensão, que é onde o ser humano realiza... O ato de fé é um ato livre que não nos aliena da condição humana, mas precisamente a faz alcançar sua plenitude. (PANIKKAR, 2007, p. 63).

Conceitua Panikkar, que a crença:

É a formulação, a articulação doutrinal, geralmente feita por uma coletividade, que se foi cristalizando ao longo do tempo em proposições, frase, assertivas e, em termos cristãos, dogmas. Crença é a expressão simbólica mais ou menos coerente da fé, que muitas vezes se formula em termos conceituais. (PANIKKAR, 2007, p. 64).

Considerando as distinções descritas pelo autor, pode-se dizer que fé, ato de fé e crença estão pautadas nas ” experiência religiosas” e de vida das congadeiras de Pinhões.. Segundo Panikkar, “nenhuma cultura ou tradição religiosa consegue esgotar o campo da experiência humana e da realidade do sagrado”. Pode-se refletir que a fé é uma das mais enriquecedoras experiências da consciência humana. O que comprova em Geffré quando ele diz que “cada religião traduz um vínculo particular e contingencial, que possibilita e interdita a aproximação dos mistérios de Deus”. (GEFFRÉ, 2004, p.16). Ao se aproximar dos mistérios de Deus, com a interseção de seus santos, a fé move os congadeiros.

2.3 Pinhões construindo subjetividades

Cada festa na comunidade de Pinhões nos diz de construção de novas subjetividades. Por mais que a sociedade torna invisível as manifestações tradicionais religiosas, ainda assim elas persistem. São sempre reinventadas e vividas com dignidade e fé.

Dessa forma concordo com a teoria da subjetividade defendida por Rey (2003, p. 240) quando o autor afirma que o ser humano “se orienta para uma apresentação da subjetividade que em todo o momento se manifesta na dialética entre o momento social e o individual”, em que o momento individual está representado por um sujeito comprometido permanentemente “no processo de suas práticas sociais, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos”.

3. Nas canções dos congadeiros: os acordes da fé

A Santíssima trindade faz parte da vida dos congadeiros e congadeiras de Pinhões. Em suas canções falam de Deus, de Jesus e pedem proteção ao Espírito Santo tendo como mediadora a figura de Nossa Senhora do Rosário.

A questão da fé no congado de Pinhões é muito forte, todos os congadeiros e congadeiras da Comunidade dizem que a fé os convida a renascer, superar a vida cotidiana, que lhes dá forças para seguir a vida. PANIKKAR questiona sobre a experiência de Deus e LEVINAS comenta que a fé não é um questão da existência ou não-existência de Deus. É acreditar que o amor sem recompensa é valioso. Comungo com a ideia de LEVINAS, porque ao que parece, os congadeiros de Pinhões acreditam na gratuidade do amor de Deus, que se manifesta em Nossa Senhora, de onde a ela são devotos.

1272

3.1 Canções dos Catopês para Nossa Senhora do Rosário

A questão da fé no congado de Pinhões é muito forte, todos os congadeiros e congadeiras da Comunidade dizem que a fé os convida a renascer, superar a vida cotidiana, que lhes dá forças para seguir o curso da vida. E suas canções não são apenas para aguçar a sensibilidade de nossos ouvidos, mas um convite à reflexão de história de vida de pessoas que se constroem a cada instante.

Mestre Guerino da guarda dos Catopês me informou que todos os cânticos são principais e importantes e possuem seus significados. Todos os cânticos são apropriados para o momento. Sendo assim, o Mestre Guerino é quem nos explica:

O cântico tem muito significado da religião que é um cântico que fala toda passagem de Jesus Cristo, da Igreja também. Na levada da corte nós temos um cântico. Ele é muito fundamental. É indispensável. O que prepara o caminho pra nós chegar até a eucaristia que a gente canta assim:

A luz divina auê

A luz divina deixa nós e o rei passá

A luz divina deixa nós e o rei passa

A gente tá pedindo que Deus ilumine o nosso caminho, que deixa a guarda e a corte dele passá para a celebração.

3.2 Canções do Congo do Divino para o Espírito Santo

O congo feminino do Divino Espírito Santo, também expressa a sua religiosidade pelos cânticos que de uma maneira ou de outra fala de rei, coroa, rainha, escravatura, congado. Todo o ritual das congadeiras de Pinhões passa pela história e estórias de vidas antigas, porém resignificadas. Dizem das águas que conduziram Nossa Senhora. Nos cânticos parecem que se transformam de congadeiras a marinheiras de um navio negreiro que no embalo das águas de tormento seguram o leme da fé.

As capitãs do congado Maria e Aparecida, entoam seus cânticos e as "marinheiras" do rosário respondem em coro:

Canta marinheiro, canta com o coração

Canta marinheiro, canta com o coração

Prá louvar Nossa Senhora

Com o pé, com o pé e pé

Com a mão, a mão, a mão

Os cânticos exprimem as diversas expressões dos congadeiros e que segundo LUCAS (2002),

Ao conduzirem a execução de um canto, os congadeiros imprimem sua personalidade à expressão através da maneira particular de interpretação da tradição. Cada execução está filtrada pela experiência pessoal e pelo modo de ser congadeiro de sua época. (p. 76).

Concordo com a autora porque a musicalidade no congado possui sua dinâmica própria no universo das tradições orais. O repertório de cânticos é vasto e se movimenta sempre recriando e readaptando um diálogo contínuo entre o que era e o que é; ou seja; entre o passado e o presente.

3.3 O Encontro Do Divino com Nossa Senhora: fé no Rosário

A crença no poder do Espírito Santo faz com que as festas de Nossa Senhora do Rosário e do Espírito Santo se fortaleçam. Hoje, a secularização, o retorno ao sagrado, o reencantamento do mundo fazem parte do repertório de muitos autores. Cabe aqui um pergunta? Qual a posição que um pesquisador deve tomar quando em seu campo de pesquisa depara com pessoas que constroem novas subjetividades, que vivem seu cotidiano, que em toda sua complexidade nos diz que ainda que passe o dia, os meses e os anos, a fé que os constitui e conduz não pode ser abalada. E nesse vai e vem da vida, Pinhões nos mostra que seus filhos e filhas se encontram e dizem: “Temos fé no Rosário”. Ao fazer uma leitura por este viés pode-se dizer que a fé no Rosário move os congadeiros de Pinhões e eles se encontram, se mobilizam tornando-se visíveis num mundo que fecha a cortina por aqueles que ainda vivem a fé! Vamos abrir a cortina e mostrar que por detrás dos bastidores ainda existem vidas e histórias, nossa história!



Figura 1: O encontro dos Catopês com o Congo do Divino
Fonte: Dados de Pesquisa

1275

Considerações Finais

O trabalho aponta para novas reflexões em torno da busca ao transcendente numa sociedade marcada pela secularização. A perspectiva é que esse estudo possa auxiliar novas pesquisas que tiverem interesse em abordar a questão da religiosidade e da fé no contexto brasileiro. Herança quilombola de Pinhões: histórias e estórias, festas de reinado negro, encontro de mulheres e homens que se transformam em congadeiros que dançam e que entoam seus cânticos, que se expressam através do corpo num gingado afro brasileiro.

Referências

1. ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário de Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas**. 2008. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/LELE/Downloads/Vania_de_Fatima_Noronha_Alves.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2009.
2. BARROSO, Sandra Helena. **A festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões/MG**. 2009. 68f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
3. GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar: uma virada hermenêutica da teologia**. Petrópolis, Vozes, 2004. 230 p.

4. GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Márcia. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008.
5. GONZÁLES REY, F. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.
6. LUCAS, Glaura. **Os sons do rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
7. PANIKKAR, Raimon. **Ícones do mistério**: a experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2007. 251p.
8. PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.15-58.
9. ROSA, Maria Cristina. Festar na cultura. In: Festa, lazer e cultura. ROSA, M. C. (org) Campinas/SP: Papyrus, 2002.p.11-41.